



Aprovou!

ELITE Resolve

UNESP - 2019

**conhecimentos específicos
línguas**

www.elitecampinas.com.br
OS MELHORES GABARITOS DA INTERNET

LÍNGUA PORTUGUESA

QUESTÃO 25

Examine a pintura do artista holandês Pieter Claesz (1597-1661) e a tradução da expressão latina *Memento mori*.



(*Vanitas*, 1625. www.franshalsmuseum.nl)

Memento mori: Lembra-te de que morrerás.

(Renzo Tosi (org.). *Dicionário de sentenças latinas e gregas*, 2010.)

- a) Além da caveira, que outro elemento retratado na pintura de Pieter Claesz alude à expressão *Memento mori*? Justifique sua resposta.
b) Tendo em vista o contexto de sua produção, a temática explorada pela pintura remete mais diretamente a qual escola literária? Justifique sua resposta.

Resolução

- a) A partir da análise da imagem do artista Pieter Claesz percebe-se a temática da natureza morta, amplamente explorada pelo movimento Barroco, nas artes plásticas. O título da obra antecipa seu conteúdo central, a *Vanitas*. Tal temática está relacionada à morte, simbolizada principalmente pelo crânio. Outro elemento que pode trazer tal reflexão é a vela, cuja chama encontra-se quase no fim, esvaindo-se, assim como a vida.
b) A expressão *Memento mori* é pano de fundo do Barroco, uma vez que tal escola literária está inserida no contexto da Contrarreforma, em que preponderam valores do catolicismo. Dentre eles está a determinação de que a vida, por ser passageira, deve ser vivida conforme seus dogmas. Assim como na pintura, tal ideário pode ser verificado no trecho “Sois pó, e em pó vos haveis de converter. Sois pó, é a presente; em pó vos haveis de converter, é a futura.” do Sermão de Quarta-feira de Cinzas, de Padre Antônio Vieira, autor barroco.

Texto para as questões de 26 a 28

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968).

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(*Libertinagem & Estrela da manhã*, 1993.)

QUESTÃO 26

- a) Cite uma característica distintiva da poesia lírica que não se encontra nesse poema.
b) Cite três elementos que evidenciam o caráter narrativo desse poema.

Resolução

- a) A característica central da poesia lírica é a subjetividade, pois esse gênero literário serve à expressão de sentimentos e pensamentos do eu-lírico. No entanto, tal característica não está presente no poema de Manuel Bandeira, uma vez que a trajetória de João Gostoso é descrita de modo objetivo, afinal, não se encontra nenhum tipo de análise ou de envolvimento do eu-poemático para com os fatos.
b) Em “Poema tirado de uma notícia de jornal” há a narração linear de fatos concernentes à vida de João Gostoso, configurando ações narrativas (como chegar ao bar, beber, cantar, dançar etc). Além disso, há a presença de uma personagem, que é também protagonista

das ações - a saber, o próprio João Gostoso – assim como referências a outros elementos constitutivos de narrativas: espaço (“bar Vinte de Novembro” e “Lagoa Rodrigo de Freitas”) e tempo (“Uma noite”). O eu-lírico, por sua vez, ocupa o lugar de um narrador observador, que transmite seu olhar sobre os fatos, a partir da 3ª pessoa, sem com eles se envolver. Como a questão solicitava apenas três elementos que evidenciassem o caráter narrativo do poema, o candidato poderia escolher dentre os mencionados acima.

QUESTÃO 27

- a) De que modo o fato de morar “num barracão sem número” contribui para a caracterização de João Gostoso?
b) Cite dois elementos da linguagem jornalística presentes no poema.

Resolução

- a) O poema informa que João Gostoso era “carregador de feira livre”, portanto, o trabalho da personagem não tinha prestígio social. Via de regra o status da profissão determina o modo como a sociedade vê um indivíduo, logo, o próprio João Gostoso é desprestigiado, o que, nesse contexto, significa ser visto como inferior. Além do trabalho, a marginalização da personagem também se revela pelo lugar onde habita, o “morro da Babilônia”, uma favela da cidade do Rio de Janeiro. Nesse contexto, a marginalização é acentuada pelo “barracão sem número”, uma vez que a ausência de identificação para a casa demonstra que esta é desconhecida pelo Estado, ou seja, é burocraticamente inexistente. Assim, o barracão é uma metáfora para a própria perda da singularidade do indivíduo, para seu apagamento social, dado que João Gostoso torna-se notado apenas por conta do desfecho de sua vida. Logo, a existência de João Gostoso, assim como seu barracão, era irrelevante, mas seu fim, devido à tragédia, é notícia.
b) Assim como na linguagem jornalística, o poema é escrito na ordem direta (sujeito+verbo+complemento, como em “João era carregador de feira livre”); há a utilização de períodos curtos (no caso do poema formados pelos períodos simples “Bebeu”; “Cantou”; “Dançou”); a linguagem é denotativa e, por fim, pode-se encontrar elementos essenciais de um lide de notícia (O que? - Um indivíduo atirou-se na Lagoa Rodrigo de Freitas; Quem? – João Gostoso; Quando? – Uma noite; Onde? A própria Lagoa Rodrigo de Freitas). Como a questão pede apenas três elementos que evidenciem o caráter narrativo do poema, o candidato poderia selecionar dentre os mencionados acima.

QUESTÃO 28

- a) Em que verso se verifica um desvio em relação à norma-padrão da língua escrita (mas recorrente na língua oral)? Reescreva o verso, corrigindo esse desvio.
b) Cite duas características, uma de natureza temática e outra de natureza formal, que afastam esse poema da tradição parnasiano-simbolista.

Resolução

- a) O verso em que se verifica desvio à norma-padrão é o terceiro: “Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro”. Nele, consta a regência “chegar em”, típica da oralidade, a qual deve, na modalidade escrita, ser substituída por “chegar a”. Com a devida correção, o verso deve ser assim redigido: “Uma noite ele chegou ao bar Vinte de Novembro”. Cabe notar que a expressão adverbial “uma noite” não precisa obrigatoriamente ser precedida por preposição, de modo que uma eventual correção para “em uma noite” é desnecessária e, sem a alteração da regência, insuficiente para a resolução da questão.
b) A temática do poema de Manuel Bandeira o afasta da tradição parnasiano-simbolista na medida em que trata de uma situação bastante objetiva, em que uma situação de morte é descrita sem que se remeta às questões mitológicas (como acontece no Parnasianismo) ou místicas/religiosas (como acontece no Simbolismo). Já do ponto de vista da forma, o poema de Bandeira não apresenta uma preocupação com questões de métrica, rimas ricas, estrutura de sonetos e uso de palavras rebuscadas (como vemos no Parnasianismo), nem a exploração de formas e sentidos, ou de figuras de linguagem (como acontece no Simbolismo).

Texto para as questões 29 e 30.

Leia o trecho do ensaio "A transitoriedade", de Sigmund Freud (1856-1939).

Algum tempo atrás, fiz um passeio por uma rica paisagem num dia de verão, em companhia de um poeta jovem, mas já famoso. O poeta admirava a beleza do cenário que nos rodeava, porém não se alegrava com ela. Era incomodado pelo pensamento de que toda aquela beleza estava condenada à extinção, pois desapareceria no inverno, e assim também toda a beleza humana e tudo de belo e nobre que os homens criaram ou poderiam criar. Tudo o mais que, de outro modo, ele teria amado e admirado, lhe parecia despojado de valor pela transitoriedade que era o destino de tudo.

Sabemos que tal preocupação com a fragilidade do que é belo e perfeito pode dar origem a duas diferentes tendências na psique. Uma conduz ao doloroso cansaço do mundo mostrado pelo jovem poeta; a outra, à rebelião contra o fato constatado. Não, não é possível que todas essas maravilhas da natureza e da arte, do nosso mundo de sentimentos e do mundo lá fora, venham realmente a se desfazer. Seria uma insensatez e uma blasfêmia acreditar nisso. Essas coisas têm de poder subsistir de alguma forma, subtraídas às influências destruidoras.

Ocorre que essa exigência de imortalidade é tão claramente um produto de nossos desejos que não pode reivindicar valor de realidade. Também o que é doloroso pode ser verdadeiro. Eu não pude me decidir a refutar a transitoriedade universal, nem obter uma exceção para o belo e o perfeito. Mas contestei a visão do poeta pessimista, de que a transitoriedade do belo implica sua desvalorização.

Pelo contrário, significa maior valorização! Valor de transitoriedade é valor de raridade no tempo. A limitação da possibilidade da fruição aumenta a sua preciosidade. É incompreensível, afirmei, que a ideia da transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona. Quanto à beleza da natureza, ela sempre volta depois que é destruída pelo inverno, e esse retorno bem pode ser considerado eterno, em relação ao nosso tempo de vida. Vemos desaparecer a beleza do rosto e do corpo humanos no curso de nossa vida, mas essa brevidade lhes acrescenta mais um encanto. Se existir uma flor que floresça apenas uma noite, ela não nos parecerá menos formosa por isso. Tampouco posso compreender por que a beleza e a perfeição de uma obra de arte ou de uma realização intelectual deveriam ser depreciadas por sua limitação no tempo. Talvez chegue o dia em que os quadros e estátuas que hoje admiramos se reduzam a pó, ou que nos suceda uma raça de homens que não mais entenda as obras de nossos poetas e pensadores, ou que sobrevenha uma era geológica em que os seres vivos deixem de existir sobre a Terra; mas se o valor de tudo quanto é belo e perfeito é determinado somente por seu significado para a nossa vida emocional, não precisa sobreviver a ela, e portanto independe da duração absoluta.

(Introdução ao narcisismo, 2010. Adaptado.)

QUESTÃO 29

- a) Explique sucintamente a diferença entre a visão de Freud e a visão do jovem poeta sobre a transitoriedade do belo.
b) Transcreva do segundo parágrafo uma oração em que a ocorrência de vírgula indica a supressão de um verbo. Identifique o verbo suprimido nessa oração.

Resolução

a) De acordo com o texto, o jovem poeta que acompanhava o autor não era capaz de reconhecer a beleza da paisagem que os rodeava por se sentir incomodado com a ideia de que tudo o que via, por mais belo que fosse, deixaria de existir assim que o inverno chegasse. Para o poeta, a transitoriedade causa uma desvalorização da beleza de determinado elemento ou situação, visão que o autor considera pessimista.

Sigmund Freud, então, defende que a transitoriedade não deve ser motivo de desvalorização da beleza, mas um fator de valorização, uma vez que a raridade tornaria determinado acontecimento ainda mais digno de admiração. Para o autor, "É incompreensível (...) que a ideia da transitoriedade do belo deva perturbar a alegria que ele nos proporciona", uma vez que uma situação não deixa de ser bela e admirável por ser transitória.

Freud afirma, ainda, ser possível que o mundo como conhecemos hoje (com os "quadros e estátuas que tanto admiramos") desapareça totalmente e isso não deve ser visto como um motivo para que não

apreciemos o que nos parece belo, pois é a nossa vida emocional que percebe a beleza e pode se encantar com ela.

A diferença, portanto, entre a visão de Freud e a visão do jovem poeta é a de que para o autor, a transitoriedade deve ser vista como uma valorização da beleza, enquanto que o jovem poeta enxerga a transitoriedade como uma desvalorização daquilo que é belo.

b) A oração em que a vírgula indica a supressão de um verbo é a seguinte: "a outra, à rebelião contra o fato constatado". Se retomarmos a oração anterior ("Uma *conduz* ao doloroso cansaço do mundo mostrado pelo jovem poeta"), veremos que o verbo suprimido é "conduz". A relação entre essas orações e as que as antecedem nos permite enxergar qual é o verbo suprimido, uma vez que se trata de uma construção que apresenta uma comparação – expressa pela oposição entre "uma" e "outra" – entre duas tendências que, segundo o autor do texto, podem ser derivadas da preocupação com a fragilidade daquilo que é belo e perfeito. Essa comparação, estruturada por meio de um paralelismo, permite que o verbo "conduz" seja recuperado na segunda oração, ainda que a vírgula indique sua supressão.

QUESTÃO 30

- a) Identifique os referentes dos pronomes sublinhados no primeiro e no quarto parágrafos.
b) Reescreva o trecho "Era incomodado pelo pensamento de que toda aquela beleza estava condenada à extinção" (1º parágrafo) na voz ativa.

Resolução

a) O referente do pronome "lhe" que aparece sublinhado no primeiro parágrafo é "poeta", termo que aparece no segundo período desse parágrafo. Já os referentes do pronome "lhe" que aparece sublinhado no quarto parágrafo são "rosto" e "corpo" humanos, que aparecem na mesma oração.

b) Reescrevendo o trecho destacado, temos: O pensamento de que toda aquela beleza estava condenada à extinção o incomodava.

As alterações se justificam porque o agente da passiva (nesse caso, "o pensamento de que toda aquela beleza estava condenada à extinção") se transforma, na voz ativa, em sujeito da oração. Além disso, é preciso notar que o verbo "incomodava" deve permanecer no tempo pretérito imperfeito para respeitar a relação temporal expressa pelo verbo auxiliar na voz passiva ("era"). A última das alterações que deve ser reconhecida é a inserção do pronome oblíquo "o" para retomar "o poeta", expressa anteriormente.

Texto para as questões 31 e 32.

Leia o trecho inicial do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895)

"Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta."

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de

pinho e usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespa, um palavão cercado de terror no estabelecimento, que os artistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Leccionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade.

(O Ateneu, 1999.)

QUESTÃO 31

- a) Que relação o narrador estabelece entre a vida familiar e a vida no internato? Justifique sua resposta.
b) Por que razão o narrador chama de “eufemismo” os “felizes tempos”?

Resolução

a) Para o narrador, a vida familiar configura-se como uma “estufa de carinho”, ou seja, uma época da vida caracterizada pelo conforto e pela sensação de segurança, pois o indivíduo, como filho, é protegido pelos pais e limita-se à rotina doméstica. Já a vida no internato é o momento posterior, em que, despreendido do seio familiar, o sujeito passa a constituir a própria individualidade, uma vez que, sozinho e sem os cuidados maternos, encontra obstáculos que desafiam suas antigas expectativas em relação ao que encontraria fora de casa. Tal diferença fica evidente sobretudo no último parágrafo do excerto, em que consta o seguinte fragmento: “O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade”.

b) Eufemismo é uma figura de linguagem que consiste na amenização do peso de uma ideia socialmente concebida como desagradável, grosseira ou mesmo tabu. Nesse sentido, os referidos “tempos felizes” traduzem-se como eufemismo de uma época em que o narrador também sofria, assim como no presente, com a incerteza e com a decepção. No fragmento, o narrador ainda pontua que os tempos passados despertam saudade porque, embora sejam como todos os outros — “a atualidade é a mesma em todas as datas”, ou seja, há desejos e sofrimentos em todas as épocas da vida de uma pessoa, ainda que se renovem —, são vistos como melhores do que a vivência presente, quando se está experienciando a dificuldade.

QUESTÃO 32

- a) Identifique os sujeitos dos verbos “houvesse” e “viesse”, sublinhados no segundo parágrafo.
b) Transcreva o trecho “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu.” (1º parágrafo) para o discurso indireto.

Resolução

a) No trecho “... como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora”, o verbo “houvesse” atua como auxiliar na locução cujo verbo principal é “perseguido”, sendo o sujeito todo o sintagma “a mesma incerteza de hoje”, cujo núcleo é “incerteza”. Dando continuidade ao excerto, em “não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam”, atua como sujeito posposto todo o fragmento “a enfiada das decepções que nos ultrajam”, em que se faz núcleo apenas o termo “enfiada”.

b) Na passagem do discurso direto para o indireto, é preciso atentar para os seguintes aspectos:

- mudança do tempo do verbo “ir”, originalmente flexionado no presente do indicativo, alterado para o pretérito imperfeito do indicativo;
- mudança da flexão de pessoa do verbo “ir”, originalmente na segunda pessoa do singular, alterada para a primeira pessoa do singular;
- eliminação das aspas, marcantes de fala;

- manutenção do verbo *dicendi* (“disse”) seguido de conjunção introdutória de objeto direto oracional.

Assim, transcrevendo a fala para o discurso indireto, obtém-se: “Meu pai disse-me, à porta do Ateneu, que (eu) ia encontrar o mundo”. É interessante explicitar o sujeito da oração objetiva direta, para não criar ambiguidade (afinal o termo “pai”, anteriormente mencionado, seria um sujeito morfossintaticamente possível, ainda que semanticamente indesejável). Cabe observar ainda a posição da expressão adverbial “à porta do Ateneu”, preferencialmente perto do verbo *dicendi*, a fim de evitar a interpretação indevida de que a descoberta do mundo se deu à porta do internato.

INGLÊS

Texto para as questões 33, 34 e 36

Medieval Monsters: Terrors, Aliens, Wonders



“Siren”, from *Abus du monde* (The abuses of the world), France, Rouen, ca. 1510. New York, The Morgan Library & Museum.

Monsters captivated the imagination of medieval men and women, just as they continue to fascinate us today. Drawing on the Morgan’s superb collection of illuminated manuscripts, this major exhibition, the first of its kind in North America, will explore the complex social role of monsters in the Middle Ages.

Medieval Monsters will lead visitors through three sections based on the ways monsters functioned in medieval societies. “Terrors” explores how monsters enhanced the aura of those in power, be they rulers, knights, or saints. A second section on “Aliens” demonstrates how marginalized groups in European societies – such as Jews, Muslims, women, the poor, and the disabled – were further alienated by being figured as monstrous. The final section, “Wonders”, considers a group of strange beauties and frightful anomalies that populated the medieval world. Whether employed in ornamental, entertaining, or contemplative settings, these fantastic beings were meant to inspire a sense of marvel and awe in their viewers.

Medieval Monsters: Terrors, Aliens, Wonders runs from June 8 to September 23, 2018 at The Morgan Library & Museum.

(www.themorgan.org, s/d. Adaptado.)

QUESTÃO 33

- a) De acordo com o primeiro parágrafo, qual é a justificativa para uma exposição de iluminuras de monstros da Idade Média atualmente? Qual é a proposta da exposição?
b) O que os grupos sociais retratados na seção “Aliens” têm em comum? Qual era a consequência, na Idade Média, de se retratar esses grupos sociais como monstros?

Resolução

a) De acordo com o primeiro parágrafo do texto, a justificativa para uma exposição de iluminuras de monstros da Idade Média atualmente é que que monstros continuam fascinando homens e mulheres até os dias atuais (“*Monsters captivated the imagination of medieval men and women, just as they continue to fascinate us today*”). A proposta desta exposição, ainda segundo o primeiro parágrafo, é explorar o complexo

papel social dos monstros da Idade Média (“*this major exhibition, the first of its kind in North America, will explore the complex social role of monsters in the Middle Ages.*”)

b) Os grupos retratados na seção “Aliens” são grupos que foram marginalizados nas sociedades europeias, grupos esses formados por judeus, muçulmanos, mulheres, pobres e pessoas com deficiência. (“*A second section on “Aliens” demonstrates how marginalized groups in European societies – such as Jews, Muslims, women, the poor, and the disabled*”). A consequência de se retratar esses grupos sociais como monstros era fazer com que fossem considerados ainda mais marginalizados (“*...– were further alienated by being figured as monstrous.*”).

QUESTÃO 34

a) Com que função eram empregadas as iluminuras da seção “Wonders” na Idade Média? Qual era o efeito produzido sobre o público?

b) Em que seção da exposição a imagem “Siren”, apresentada no texto, poderia estar localizada? Justifique sua resposta com base nas características dos grupos representados em cada seção.

Resolução

“*The final section, “Wonders”, considers a group of strange beauties and frightful anomalies that populated the medieval world. Whether employed in ornamental, entertaining, or contemplative settings, these fantastic beings were meant to inspire a sense of marvel and awe in their viewers.*”

A seção final, “Maravilhas”, considera um grupo de belezas estranhas e anomalias assustadoras que povoaram o mundo medieval. Quer empregados em ambientes ornamentais, de entretenimento ou contemplativos, esses seres fantásticos foram feitos para inspirar uma sensação de estranhamento e medo em seus espectadores.

a) As iluminuras da seção “Wonders” na Idade Média eram empregadas em ambientes ornamentais para **entretenimento e contemplação**. O efeito produzido era uma sensação de **encantamento** (marvel) e **temor** (awe) em seus espectadores.

b) “Serian” poderia aparecer na seção “Wonders” que explora a beleza incomum e as anomalias assustadoras na época medieval. (“*Wonders, considers a group of strange beauties and frightful anomalies that populated the medieval world*”).

Texto para as questões 35 e 36

Medi-evil: the monstrous middle ages



Blemmyae from the Nurenberg Chronicle (1493)
(www.theoi.com)

Monsters are still everywhere. Godzilla keeps stomping through silver-screen cities, zombies lurch through eight seasons of the TV series “The Walking Dead” and the vampires of “Twilight” nibble necks across thousands of pages of the book series by Stephanie Meyer.

But those looking for some historical context should head to the Morgan Library and Museum in New York to see around 70 works (such as illuminated manuscripts) from the 9th to the 16th century that show how ogres of the imagination have always inspired terror and wonder. In a time when the distant was unknowable, they filled the gaps. Almost always from afar, the monster was a substitute for those perceived to stray from the norm.



Pale Man in Pan's Labyrinth
(www.cinematropical.com)

Keep your eyes peeled for a perennial medieval favourite, the Blemmyae: disgusting headless humanoids with their faces transplanted onto their chests. These were quite possibly the inspiration for Guillermo Del Toro's Pale Man in the film *Pan's Labyrinth* (2006) – a horrifying fellow whose eyeballs peer out abjectly from his clawed hands.

(https://espresso.economist.com, 09.06.2018. Adaptado.)

QUESTÃO 35

a) De acordo com o texto, cite dois exemplos de monstros que ocorrem em obras contemporâneas.

b) De acordo com o texto, que tipo de sensação os monstros Blemmyae despertam? Por que os Blemmyae podem ter sido a inspiração para a criação do Homem Pálido no filme *O labirinto do fauno* (2006)?

Resolução

“*Monsters are still everywhere. Godzilla keeps stomping through silver-screen cities, zombies lurch through eight seasons of the TV series “The Walking Dead” and the vampires of “Twilight” nibble necks across thousands of pages of the book series by Stephanie Meyer.*”

Monstros ainda estão por toda parte. Godzilla continua, nos cinemas, pisando em cidades, zumbis percorrem oito temporadas da série de TV “The Walking Dead” e os vampiros de “Crepúsculo” mordem pescoços em milhares de páginas da série de livros de Stephanie Meyer.

a) Qualquer dois dentre os três exemplos abaixo poderiam ter sido citados:

- Godzilla;
- Zumbis (The Walking Dead);
- Vampiros (Crepúsculo).

b) Os monstros Blemmyae despertam sensações de terror e espanto (“*have always inspired terror and wonder*”).

Esses monstros podem ter sido inspiração para a criação do Homem Pálido no filme *O labirinto do fauno* (2006) porque eram humanoides repugnantes sem cabeça com seus rostos transplantados em seus peitos, bem como o Homem Pálido, um sujeito horripilante cujos globos oculares espreitam abertamente de suas mãos com garras.

“*Keep your eyes peeled for a perennial medieval favourite, the Blemmyae: disgusting headless humanoids with their faces transplanted onto their chests. These were quite possibly the inspiration for Guillermo Del Toro's Pale Man in the film Pan's Labyrinth* (2006) – a horrifying fellow whose eyeballs peer out abjectly from his clawed hands.”

(Mantenha os olhos abertos para um permanente favorito medieval, o Blemmyae: humanoides repugnantes sem cabeça com seus rostos transplantados em seus peitos. Estas foram, possivelmente, as inspirações para o Homem Pálido de Guillermo Del Toro no filme *O Labirinto do Fauno* (2006).

QUESTÃO 36

a) De acordo com o texto, a exposição no Morgan Library and Museum abrange qual período histórico? Quantas obras compõem a exposição?

b) No trecho do segundo parágrafo “Almost always from afar, the monster was a substitute for those perceived to stray from the norm”, os trechos sublinhados podem se referir a que grupos sociais identificados no texto anterior “Medieval Monsters: Terrors, Aliens, Wonders”? Justifique sua resposta.

Resolução

a) De acordo com o texto, a exposição no Morgan Library and Museum é composta por 70 obras que abrangem do século IX ao século XVI (*"But those looking for some historical context should head to the Morgan Library and Museum in New York to see around 70 works (such as illuminated manuscripts) from the 9th to the 16th century"*)

b) Os trechos sublinhados podem se referir ao grupo "Aliens" que abarca Judeus, muçulmanos, mulheres, pobres e pessoas com deficiência (Jews, Muslims, women, the poor, and the disabled), pois no trecho sublinhado, os monstros são aqueles que fogem aos padrões sociais estabelecidos (*"those perceived to stray from the norm"*).

REDAÇÃO

REDAÇÃO

Texto 1



(Quino. *Amigos para a vida!*, 2015.)

Texto 2



(André Dahmer. *Quadrinhos dos anos 10*, 2016.)

Texto 3

Ao shopping center

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

De elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus

nós que por teus círculos
vagamos sem perdão
à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.

(José Paulo Paes. *Prosas seguidas de Odes mínimas*, 1992.)

Texto 4

Nós somos consumidores agora, consumidores em primeiro lugar e acima de tudo. Para todas as dificuldades com que nos deparamos no caminho trilhado para nos afastar dos problemas e nos aproximar da satisfação, nós buscamos as soluções nas lojas. Do berço ao túmulo, somos educados e treinados a tratar as lojas como farmácias repletas de remédios para curar ou pelo menos mitigar todas as doenças e aflições de nossas vidas particulares e de nossas vidas em comum. Comprar por impulso e se livrar de bens que já não são atraentes, substituindo-os por outros mais vistosos, são nossas emoções mais estimulantes. Completude de consumidor significa completude na vida.

(Zygmunt Bauman. *A riqueza de poucos beneficia todos nós?*, 2015. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

Compro, logo existo?

Comentário

A proposta de redação do vestibular Unesp 2019 leva o candidato a refletir sobre algo diretamente relacionado a sua experiência como indivíduo no contexto capitalista, que é o consumo e sua imbricação com a existência. Além disso, trata-se de uma discussão atual, embora não inusitada ou surpreendente, visto que o ato de comprar perpassa a experiência humana desde que estamos inseridos em uma lógica de produção, comercialização e lucro.

A frase-tema "Compro, logo existo?" conduz a um projeto de texto norteado por uma tese que responda objetivamente à questão proposta. O candidato, então, tem duas possibilidades imediatas, defender se a existência está ou não subordinada à compra ou, ainda, buscar uma terceira alternativa, desde que vinculada à pergunta. Após a tomada de posicionamento, era necessário elencar argumentos que o defendessem, a partir da coletânea e/ou do conhecimento de mundo do candidato.

O texto 1 da coletânea, um cartum de Quino, mostra o personagem lendo a frase "Ninguém vale pelo que tem, mas pelo que é", da qual discorda, com o argumento de que – infere-se – para a sociedade, "quem não tem nem sequer é". Essa postura da personagem leva à reflexão de que, para que a existência de uma pessoa seja considerada, é necessário que esta tenha alguma posse – reflexão que dialoga diretamente com a frase-tema apresentada ao candidato. O raciocínio demonstrado pelo personagem, então, poderia ser utilizado pelo candidato que optasse por defender que é verdadeira a frase "Compro, logo existo" do ponto de vista de como a sociedade enxerga a relação entre comprar e existir.

O texto 2, uma tirinha de André Dahmer, apresenta dois personagens que, com pontos de vista diferentes sobre a relação que temos com o dinheiro, expõem dois posicionamentos opostos: aquele que valoriza comportamentos que não dependem diretamente do dinheiro, como "fazer amor" e "ter noção", e aquele que acredita ser possível resolver qualquer falha ou ausência por meio da aquisição de bens materiais (um iate, um carro ou uma moto). Nesse sentido, a tirinha poderia ser utilizada pelo candidato para sustentar qualquer uma das visões apresentadas, sempre retomando a frase-tema, ou seja, para defender que a existência está ligada ao ato de comprar ou que a existência deve se ancorar em outras sensações/sentimentos.

O texto 3 configura-se como uma ode que tem como interlocutor o shopping center, personificado portanto. O estabelecimento é, além de ouvinte, o cenário da metáfora estabelecida entre consumidores e "almas penadas" (ainda especificadas como "do mundo do consumo"), uma vez que ambos, sem vida, vagam sem rumo e em sofrimento. O motivo da dor é justamente o consumo ("Cada loja é um novo / prego em nossa cruz") que se mostra sem fim, pois a necessidade de ter é insaciável ("Por mais que compremos / estamos sempre nus"). Percorrer os corredores do shopping é a penitência dos compradores; nesse sentido, a "Grande Liquidação", que encerra a ode, é concebida como o final, ainda que distante, da expiação, em que se vislumbra o fim do sofrimento; grosso modo, é a utopia que norteia o comprar. Este excerto da coletânea motiva a reflexão em torno do consumismo e seus malefícios para o indivíduo, que padece por nunca se ver satisfeito. O apagamento da identidade, ideia que pode ser inferida a partir da metáfora das "almas penadas", também pode despertar uma reflexão frutífera.

Por fim, o texto 4, um fragmento de "A riqueza de poucos beneficia todos nós?", do filósofo Zygmunt Bauman, assinala a aproximação, típica da contemporaneidade, entre consumir e remediar, na medida em que a sociedade teria passado a compreender o ato de comprar como um estímulo e, portanto, como uma solução para as angústias da vida. Segundo o autor, "somos educados e treinados a tratar as lojas como farmácias repletas de remédios para curar", isto é, o consumismo pode ser compreendido como resultado de pressões externas ao indivíduo. A análise desses agentes sociais e seus mecanismos poderia ser desenvolvida pelo candidato.

Equipe desta resolução

Inglês

Kanu Kiran Deva

Português

Bruna Leite Garcia

Bruna Sanchez Moreno

Regiane Maçano

Digitação e Diagramação

Eduardo Hideki Kobaiacy

Revisão e Publicação

Daniel Simões Santos Cecílio

Felipe Eboli Sotorilli

Vanessa Alberto